

**“Esquire Brasil” visita o Tierra Patagonia,  
hotel fincado na remota, linda e gelada região chilena**

por  
Luciano Ribeiro, da Patagônia

**De frente para os Andes**





1

1 e 2. Pumas e guanacos fazem parte da fauna do Parque Nacional Torres del Paine

A gente estava, havia uns dez minutos, no Parque Nacional Torres del Paine, no setor oeste, conhecido como Grandes Glaciares. Enquanto admirava a beleza do clima frio, com suas cores pálidas, era inevitável perceber restos de árvores queimadas, seus troncos cinza, galhos desfolhados, frutos de uma idiotice. Em algum momento de 2011, um turista resolveu dormir clandestinamente no parque para não pagar a taxa de camping. Escondeu-se na mata baixa, de verde e amarelo tímidos. No dia seguinte, para não deixar rastros, queimou seu pequeno lixo, feito de coisas simples (um saco de pão, plástico de café solúvel, cascas de frutas, restos de papel higiênico, embalagem de macarrão instantâneo?). Era dia 27 de dezembro, e o vento agressivo da região espalhou seu lixo fumegante, que queimou 8% do parque, uma das atrações mais intocadas da América do Sul. Eu ouvi essa história da boca do nosso guia Gustavo enquanto fazia uma excursão por essa Patagônia tão deslumbrante. E me perguntava o que teria acontecido na vida desse turista. Descobri que é israelense e chama-se Rotem Singer. Para não ser linchado pelos locais, teve que fugir de helicóptero escoltado pela polícia chilena,

**Na nossa excursão, o guia Gustavo sintetizou o que seria o tempo na Patagônia: “Um dia como hoje, ventando muito, é bem difícil. Mas aqui não temos dias ruins, temos experiências diferentes”**



2

chegou a ser condenado a 60 dias de prisão, mas foi solto pagando fiança de US\$ 10 mil. O que não descobri e nunca vou saber é como ele convive com isso. Quinze anos depois, o acidente deixou marcas na sua consciência?

A excursão ao parque aconteceu no dia seguinte à minha chegada ao Tierra Patagonia, hotel que há pouco mais de um ano pertence à cadeia australiana Baillie Lodges, que também administra o Tierra Atacama na América do Sul e outros hotéis criados a partir da ideia de conforto discreto, design integrado à natureza e excursões conduzidas por guias locais. De Guarulhos ao Tierra Patagonia, você deve pegar 4h30 de voo até Santiago, capital chilena, depois praticamente o mesmo tempo para Porto Natales, seguido de 1h30 de carro até a porta do hotel. No trecho Santiago–Porto Natales, você percebe a mudança no perfil das pessoas e entende que está indo para um lugar específico, não mais uma cidade comum. Boa parte dos passageiros já está vestida com casacos, calças e calçados impermeáveis da The North Face, Patagonia ou de alguma marca similar de seu país local – uma tribo específica que curte excursões de quatro, cinco dias pela mata e encara, numa boa, ventos de mais de

40 quilômetros por hora a 6°C com chuva. Na esteira de bagagem de Porto Natales, rolam mochilas compridas impermeáveis, com suas alças resistentes, as grandes companheiras dos próximos dias.

Logo na chegada ao Tierra Patagonia, o ideal a se fazer é conversar com um guia para traçar como serão seus próximos dias. O hotel está localizado às margens do Lago Sarmiento, no extremo leste do Parque Nacional Torres del Paine. O hotel oferece excursões de dia inteiro (oito horas) ou meio dia (quatro a cinco horas), saídas diretamente do hotel em vans próprias.

As excursões mais longas partem entre 7h e 8h30 e retornam por volta das 16h. O trajeto, a partir do Tierra, pode levar até duas horas até o ponto de início da trilha, dependendo da rota escolhida. As principais opções são o circuito Agostini, de 11 quilômetros, que passa por zonas de transição do parque e termina no Puente Güebre; a trilha até a base das Torres del Paine, com duração aproximada de oito horas; e a navegação pelo Lago Grey, que leva os visitantes até a frente do glaciador de mesmo nome. Todas as rotas estão sujeitas às condições climáticas, e o hotel mantém planos alternativos em caso de fechamento de trilhas.

As caminhadas de meio dia incluem percursos mais curtos, como a trilha Orígenes, que leva ao Lago Sarmiento e às formações de trombolitos, e a caminhada até o Mirador Cuernos, com vista para o Lago Nordenskjöld e passagem pelo Salto Grande, uma das cachoeiras mais conhecidas do parque. Essas saídas também acontecem pela manhã e retornam perto da hora do almoço. As excursões são feitas em pequenos grupos e acompanhadas por guias bilingües (inglês e espanhol). O vento, constante e imprevisível, faz parte da rotina de todos os passeios. Na nossa excursão, o guia Gustavo sintetizou o que seria o tempo na Patagônia: “Um dia como hoje, ventando muito, é bem difícil. Mas aqui não temos dias ruins, temos experiências diferentes”.

O vento, que parece vir de todos os lados, tem explicação: o ar quente sobe do Pacífico, cruza os Andes, resfria-se nos glaciares e desce sobre a estepe como uma corrente fria e veloz. Esse ciclo molda a paisagem, as nuvens, o comportamento dos animais e o humor dos viajantes. A nossa experiência foi realmente diferente do que havíamos esperado ao sair do hotel. A chuva e o vento nos impediram de fazer a caminhada até o Mirador



4



3



5



6



7

**Tive acesso ao livro da arquiteta, exposto no lobby, e o Tierra me pareceu seu melhor projeto – especialmente porque ela conseguiu, de maneira precisa, esconder a construção no meio da paisagem espetacular da Patagônia**

3, 4, 5, 6 e 7. Madeira e vidro integram a paisagem do Tierra Patagonia em projeto assinado pela arquiteta Cazú Zegers

Cuernos, um dos mirantes mais conhecidos da Patagônia, mas também uma área muito exposta. No entanto, pudemos ver paisagens espetaculares dentro do Parque Nacional Torres del Paine como pequenas elevações montanhosas verdes e amarelas à frente da grande cadeia rochosa coberta de neve – uma neve ainda fresca, que caiu tardiamente em novembro e teimava em não derreter mesmo cinco dias depois de cobrir os picos. Vimos também cachoeiras, aves típicas e flamingos. Encontramos um grupo de guanacos, animais da família dos camelos, parentes selvagens das lhamas. São quase impossíveis de domesticar, vivem em bandos e são a principal fonte de proteína dos pumas, outro animal local, o maior felino das Américas, da família dos gatos – eles não rugem, praticamente miam. Não são violentos, não se sabe de histórias de ataques a locais ou a turistas. O melhor horário para se encontrar um puma é bem cedo ou no fim da tarde – infelizmente, não tivemos sorte de topar com um.

Na volta da nossa excursão, você começa a relaxar no que o Tierra pode melhor oferecer: a paisagem deslumbrante para as

montanhas, sua piscina panorâmica com essa mesma vista, saunas seca e a vapor e gastronomia local (o hotel é “all inclusive”, com menu de três tempos e vinhos incluídos).

O Tierra Patagonia foi projetado pela arquiteta Cazú Zegers, nascida em Santiago com passagem por Nova York. Suas obras são feitas essencialmente de madeira, e o lugar segue esta filosofia: uma construção parcialmente abaixo da linha do terreno, com fachada de vidro e madeira nativa voltada para o Lago Sarmiento e o maciço Paine (conjunto central de montanhas que forma o coração do parque nacional). Em 2013, o Tierra recebeu da revista “Wallpaper” o prêmio de Melhor Novo Hotel. Tive acesso ao livro da arquiteta, exposto no lobby, e o Tierra me pareceu seu melhor projeto – especialmente porque ela conseguiu, de maneira precisa, esconder a construção no meio da paisagem espetacular da Patagônia.

O Tierra Patagonia costuma ficar cheio de novembro a janeiro, e as diárias giram em torno de US\$ 1.600. Ele fecha para o inverno. É uma ótima opção para conhecer um Chile remoto, limpo, preservado e deslumbrante. ■